



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

ACERCA DAS TEORIAS E PENSAMENTOS SOBRE A LINGUAGEM E SUAS FILOSOFIAS: DE PLATÃO A FOUCAULT¹

Fernanda Costa Campos²
G/UEMS

Resumo: Este trabalho disserta de forma sintética e resumida um compilado de teorias e pensamentos de uma série de filósofos acerca da linguagem e da língua e seus diversos usos e problemáticas, evidenciando as diferenças entre cada um deles, assim como as semelhanças e o processo evolutivo em que a linguagem se foi pensada com o passar dos anos.

Palavras-chave: Linguagem, Filósofos, Teorias.

Platão

Quando se trata de Platão, veremos várias discussões acerca da oposição entre linguagem e a visão desta como apenas fonte de erros e conhecimento. Com este pensamento, vários outros filósofos sucessores adotam esta mesma linha de raciocínio com a diferença apenas de algumas questões que são abordadas, mas sem interferir na essência do debate original.

Crátilo: sobre a correção dos nomes

Iniciamos pelo diálogo entre Platão e Crátilo, fundamental para o começo e estruturação da filosofia da linguagem. Este tem como subtítulo “Sobre a correção dos

¹ Trabalho feito para a disciplina de filosofia da linguagem ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.

² Fernanda Costa Campos fernanda6002121@gmail.com Acadêmica do 1º ano de Letras Bacharelado.



nomes” (substantivo comum) e sua pergunta fundamental gira em torno da discussão das naturezas da linguagem e seus significados, se seria contribuinte para o conhecimento da realidade ou não. Platão então reflete sobre o assunto e dá duas possíveis respostas, levando em conta a antiga oposição de ideias entre os mobilistas e sofistas: uma delas dá-se pelo naturalismo, que se caracteriza por defender que existe uma relação natural entre o signo e a coisa significada (tese esta defendida por Crátilo); já a outra segue a visão convencionalista, oposta ao naturalismo.

Defendida por Hermógenes, consiste em uma teoria mais fraca, em que não existe relação alguma nem uma natureza comum entre coisa e palavra, seriam apenas convenções estabelecidas pela própria sociedade. Ou seja, o nome de algo seria supostamente dado por simples escolha, não por haver ali uma relação com o próprio objeto/coisa. Sendo assim, concluir-se-ia por parte do convencionalismo que o signo (no caso, os nomes) não contribui para o conhecimento da realidade e, por conseguinte, pouco seria relevante para a filosofia os estudos sobre a linguagem. Com tal confronto, Platão então formula seus argumentos, um deles dizendo sobre o problema da variação linguística na tese do naturalismo.

Ele diz que em diferentes línguas se usam palavras distintas para se referir às mesmas coisas (exemplo: árvore, tree, árbol, etc), e que apenas na língua originária ou “ideal” encontramos a verdadeira natureza das coisas. Teria havido, em algum período, uma semidivindade que relacionou os signos às palavras e então estabelecendo convenções. Grande parte do Crátilo é dedicada a uma análise etimológica das palavras, ou seja, o estuda de sua origem e processo de formação. Porém estes estudos nunca chegam na linguagem ideal originária, apenas na melhor das hipóteses a origem de tal palavra dentro se sua própria língua específica. O naturalismo encontra dificuldade em explicar a relação palavra-coisa e o convencionalismo, por sua vez, não consegue explicar a origem das convenções.

Uma pergunta: “como poderíamos estabelecer convenções anteriormente à linguagem se precisamos dela para isso?” (MARCONDES, 2010, pág. 15). O diálogo de



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

Crátilo é aporético, ou seja, termina em um impasse já que ambas alternativas se mostram insatisfatórias. Contudo, ainda assim sua importância foi influente em toda tradição filosófica e nos estudos da linguagem em geral. Dado isto, Platão o soluciona com a resposta de irmos além da análise dos nomes. A definição de um nome através de seu significado resultará a outros nomes, assim chamado círculo linguístico. O filósofo também aponta para a necessidade de se procurar a verdade além das palavras.

Sofista: a natureza da proposição, o verdadeiro e o falso

O Sofista, um dos mais importantes diálogos de Platão, trata da questão da distinção entre o verdadeiro e o falso, pautando sobre a tese de Protágoras a qual todo discurso (logos) é verdadeiro. Platão afirma que uma lista de palavras desconexas não é linguagem, não constitui um logos: “Nomes proferidos apenas de princípio ao fim não vêm a formar uma proposição, assim como verbos proferidos sem serem acompanhados de algum nome”. A combinação entre verbo e nome é denominada pelo filósofo symploké (entrelaçamento) e que podemos considerar a primeira versão de um princípio sintático. Uma proposição é verdadeira quando a combinação expressa corresponde à realidade e a falsa é quando essa combinação apenas não se dá.

Górgias: crítica à retórica

Sendo este o principal diálogo de Platão sobre a retórica, questiona o papel dos sofistas como mestres da referida arte, onde são acusados de serem praticantes de uma técnica, ou seja, uma habilidade prática para exercer tal coisa (no caso, a retórica), sem nenhum compromisso com a verdade, servindo então apenas para persuadir e não para levar ao verdadeiro conhecimento, assim como faria a Filosofia. A crítica tem como alvo



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

principal Górgias, intitulado um dos maiores sofistas de seu tempo e grande mestre da retórica e oratória. Este diálogo consiste em mostrar que com habilidade pode-se persuadir qualquer pessoa de qualquer ideia, mesmo se for algo falso, não verdadeiro, indo assim de encontro a Filosofia, que se caracteriza pelo compromisso com a verdade.

Fedro: a origem da escrita

Nesse diálogo Platão apresenta o mito de Thot, que narra a invenção da escrita por esse deus egípcio. Sua invenção é apresentada ao supremo deus Amon como uma ferramenta que auxiliaria a memória dos homens e os tornaria sábios. A resposta de Amon representa a mesma posição de Platão, onde se diz que o mesmo que se dedicar na escrita perderá a memória, perdendo assim sua própria capacidade de lembrar e passando a depender então de um signo externo, tornando-se a partir daí mais ignorante, ao invés de se tornar mais sábio, pois receberá por meio da escrita informações talvez sem procedência e instrução adequada. O argumento é de que uma coisa escrita circula não só pelos entendedores da informação, mas também passa pelas mãos de quem não entende, não podendo assim distinguir entre os bons e os maus leitores. Para Platão, a forma por excelência da realização da filosofia é o debate e a discussão via oral, por meio da qual se pode argumentar e contra-argumentar.

ARISTÓTELES

Já em Aristóteles, podemos perceber que o filósofo sai do impasse de Crátilo em Platão e propõe que a análise dos signos se realiza através da relação entre a mente, isto é, através do pensamento reflexo da realidade. Há então duas linhas de desenvolvimento da discussão filosófica sobre a linguagem. A primeira é a relação entre a linguagem e



pensamento, e a segunda se dá sobre a função comunicacional da linguagem. No “Tratado da interpretação”, Aristóteles discute a questão do significado das palavras, da natureza e estrutura da proposição e também do verdadeiro e do falso como resultado da relação entre o real e a proposição. O filósofo diz que as palavras faladas são símbolos do que se passa na mente de cada um, as afecções da alma, e as palavras escritas seriam apenas símbolos das palavras faladas. Tanto as palavras faladas quanto as escritas não são as mesmas para todos os homens, porém a as afecções da alma seriam universais, muito semelhantes para qualquer ser humano. Ele então complementa que assim como existem pensamentos que seriam neutros, o mesmo aconteceria com os sons. A verdade e a falsidade de uma proposição teriam a ver com a separação e combinação das palavras.

Um nome e um verbo por si só são como pensamentos, com por exemplo “homem” e “branco” não são falsos nem representam verdade por não estarem conectados com nenhuma outra palavra. Para Aristóteles, a linguagem consiste em substantivos (nomes) que se articulam com verbos para então formarem sentenças. Estas, quando declarativas, podem ser verdadeiras ou falsas em relação com a realidade. Porém nos é advertido que nem toda sentença é declarativa, ou seja, que pode ser dividida entre falsa/verdadeira, como por exemplo, orações e preces, que não têm objetivo ou ligação com a realidade.

Em relação à retórica, Aristóteles discorda de Platão pois sempre falamos algo com determinado o objetivo. A retórica então seria importante porque, através dela o falante faz com que o ouvinte possa enxergar a realidade de uma outra maneira. Existe então três tipos de retórica: a política, a forense e a cerimonial, todas com o mesmo objetivo de tornar um falante tão habilidoso a ponto de conquistar o ouvinte, que toma a partir daí uma postura de alguém que o julga. Há também o respaldo para a importância da metáfora dentro da oratória. Na poética, é indicado a importância da linguagem ornamentada, aquela que é acompanhada de recursos que garantem o efeito dramático que por consequência produzem emoções sobre os espectadores. Assim como dito anteriormente, a metáfora é destaque quanto forma de ornamento.



Outra discussão que é abordada na teoria aristotélica é a de que o ser humano foi criado para ter uma linguagem. Inicialmente, Aristóteles diz apenas sobre os lábios e a língua, que é diferente de todos os outros animais e, por conseguinte, com mais propósitos do que simplesmente proteger os dentes e parte do paladar. A fala é constituída de várias palavras da qual seriam impossíveis de pronunciar caso os lábios não fossem bipartidos, macios e úmidos e a língua com seu formato e maleabilidade.

Santo Agostinho

Seu diálogo “De Magistro” é tão influente e importante na tradição por suas inovações no tratamento do tema acerca da linguagem e também por ser um pensador que transiciona da filosofia grega para o cristão latino. Sua filosofia dá-se em base de uma aproximação do neoplatonismo juntamente com os ensinamentos de São Paulo e São João. O platonismo é visto então como um antecessor do cristianismo, esse sim, portador da “verdadeira filosofia”. Agostinho defende que a filosofia antiga consistia em uma preparação da alma, útil para a compreensão da verdade revelada, porém a “sabedoria do mundo” seria limitada, cabendo então aos ensinamentos religiosos dar o poder de um verdadeiro e ilimitado conhecimento: “A menos que creias, não compreenderás”. Para ele, a legítima ciência é a teologia, e é a ela que o homem deveria se dedicar, porque estaria assim preparando sua alma para a salvação e as recompensas divinas.

O pensador então se pergunta como pode a mente humana, que é mutável e suscetível a falhas, atingir a verdade eterna e infalível. Sua resposta se encontra na teoria da iluminação divina, baseada na tese platônica da reminiscência. Agostinho, em seu diálogo, discute se é possível indicar coisas sem o uso dos signos (sinais), e assim posteriormente defende que o conhecimento das coisas é mais valioso que a compreensão de seus sinais. Se for apresentado um sinal, mas não soubermos de que coisa é esse sinal, não aprenderíamos nada e este sinal soaria como nada mais que um determinado som. Porém, se temos noção



do que é algo, e aprendermos posteriormente seu sinal, teria então atingido o objetivo da linguagem: ensinar e aprender. Para Santo Agostinho, então, o sinal seria toda coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta.

É falado, ainda, que os signos (sinais) podem ser divididos em naturais e convencionais. Os naturais seriam aqueles que não teriam a intenção de significação, por exemplo, a fumaça indicando fogo, a pegada de um animal que por ali passou, ou o rosto de um homem triste. Já os convencionais seriam todos aqueles criados e inventados pelo homem a partir de convenções para significar, propositalmente, alguma coisa.

Ockham

Diferentemente de Agostinho, Guilherme de Ockham foi um defensor da separação e independência entre o poder temporal dos soberanos e o poder espiritual da Igreja e do Papa, contribuindo assim para a elaboração de um pensamento laico que influenciou muito os pensadores modernos. Ockham pode ser considerado nominalista, já que não aceita a existência real de entidades abstratas. Sua teoria do significado afirma que os significados das palavras são conceitos, entidades mentais associadas a elas, deixando assim de ser estritamente nominalista. A relação entre objetos e palavras é intermediada pela relação entre o termo mental correspondente e aquilo que ele significa.

Este teórico compreende o signo de duas maneiras: como aquilo que traz algo ao conhecimento, e aquilo que uma vez aprendido nos faz conhecer outras coisas.

Descartes



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

Mesmo sem ter dedicado nenhum texto para a abordagem acerca da linguagem, Descartes foi muito influente na filosofia moderna por desenvolver uma lógica do pensamento que influenciaria posteriormente teóricos como Chomsky. Para ele, a mente é capaz de conhecer o real por meio das ideias que representam as coisas, e é esta a base para a construção de toda uma ciência. Descartes diz que a linguagem é apenas a expressão (imperfeita) do pensamento, portanto sem nenhum papel na formação do conhecimento.

Em “Discurso do Método”, Descartes evidencia a diferença gritante entre a natureza humana e a dos animais, pois estes apesar de reproduzirem sons parecidos com palavras, não expressam por meio da fala seu pensamento. Já a mente humana é capaz de organizar e juntar diversas palavras para expressar seu pensamento, por mais bruta e estúpida que se possa ser. A linguagem e seus erros foram muito discutidos nos textos de Descartes, pois esta seria muito suscetível a erros e preconceitos/concepções do passado que fariam com que deixássemos de examinar as palavras e de levar em conta os pensamentos a qual devem expressar.

Port-Royal

A escola de Port-Royal foi um importantíssimo antro de influência na França do século XVII. A lógica dos pensadores da escola de Port-Royal usa-se muito da filosofia da linguagem vinda de Descartes, mesmo que esta não a aborde com muito aprofundamento, mas serviu de certa forma para influenciar grandemente alguns pensadores dessa escola. Essa lógica se mostrava psicológica, pois buscava encontrar uma representação para a forma pelo qual o pensamento humano funcionava.

Lógica ou a arte de pensar - a convencionalidade do signo: palavras e ideias



A linguagem é uma representação da realidade e torna possível a comunicação humana da melhor forma quanto é possível. Alguns pensadores da escola de Port-Royal afirmam que há um equívoco ao considerar que os significados das palavras são arbitrários, pois vai recorrer àquilo que representa como ideia e que assim representa a realidade. O processo de associação de palavras às respectivas ideias seria o caminho para superar o convencionalismo lingüístico segundo esses pensadores, onde é dito que se as palavras são “arbitrárias”, seus significados por outro lado não o são. As teorias de Port-Royal possuem a concepção de “espírito” como sendo o lugar do real ou pensável na linguagem, e a “fantasia” como sendo o seu oposto quase extremo. Quando uma palavra evoca uma ideia na mente do indivíduo, é devido a esse indivíduo em questão já possuir em si (em seu espírito/mente) essa ideia ou conceito; porém, se uma palavra é dita e nenhum efeito surge em seu ouvinte além do próprio som emitido, diz-se ser vazio ou sem significação. É só através das ideias que há conhecimento interno daquilo que nos é externo.

Gramática geral e razoada – linguagem e pensamento

Falar é essencial para a comunicação e exteriorização de pensamentos, porém morre logo após ser dita, e logo esquecida, e é devido à isso a enorme urgência para o surgimento da escrita: eternizar. A gramática também configura um signo que se usa de sua própria natureza (sons e caracteres), e o modo pelo qual se é usada para expressar pensamentos. As palavras então seriam, de acordo com os pensadores da escola de PortRoyal, como um meio de conectar os pensamentos com as ideias e conseqüentemente às palavras adequadas para uma conexão comunicativa entre os indivíduos falantes de uma mesma língua.

Locke



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

John Locke nasceu em 29 de Agosto de 1632 na cidade de Bristol e veio a falecer em 1704. Suas mais famosas obras são:

- Carta Sobre a Tolerância (1689);
- Segundo Tratado da Guerra (1690);
- Ensaio Sobre o Entendimento Humano (1690): é nessa obra em que se encontram as teses de Locke sobre a linguagem e outras.

Locke foi um dos principais representantes do empirismo entre os filósofos da língua inglesa. Foi também o primeiro filósofo no período moderno a se diferenciar de forma explícita da tendência que havia na época de considerar a linguagem como uma “fonte de erros” (DESCARTES), tomando-o, pelo contrário, com uma importância centrada na por ele chamada de semiótica, que consistia num estudo dos signos e seus significados. Locke acabou por inaugurar assim uma filosofia da linguagem. Locke defendia que a linguagem é algo indispensável para uma tentativa de comunicação, para veicular os pensamentos dos interlocutores, logo sendo essencial para a vida em comunidade, porém ao mesmo tempo sujeita ao “abuso” e assim pouco confiável. Quanto à argumentação da imprecisão e da variação do significado, Locke exemplifica um caso de duas palavras que possuiriam o mesmo significado numa língua, mas que numa conversa entre dois falantes dessa língua, essas duas palavras acabariam por ter significações totalmente diferentes para cada indivíduo. John Locke admitia que as palavras se mostravam imperfeitas e que tinha conhecimento da inconveniência e das desordens que eram então causadas, porém afirmava de forma categórica que a linguagem é “o veículo por excelência” da comunicação, sendo importante para o conhecimento, o que configuraria numa “vantagem para a humanidade”.



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

Locke usa de uma interessante metáfora para explicar os abusos da linguagem: imagina-se que há certos dutos e encanamentos por onde circula o conhecimento, mas eles se encontram obstruídos por esse “abuso”. Para ele, então, já que havia essa problemática dos abusos, era então necessário encontrar um remédio para isso, que no caso não era muito diferente das posições de Descartes e da escola de Port-Royal, que consistia na busca de uma reconstrução no processo pelo qual essa apresentação se reconstitui. Formula então um método de análise em que a filosofia deveria redesenhar esse processo através de uma visão epistemológica num exame que toma por base a relação entre palavra e ideia, surgindo a tese semântica de que “as palavras são signos das ideias assim como as ideias são signos das coisas”. Através de uma análise que visa a reconstrução é que poderia então ocorrer a superação de tais erros e abusos da linguagem. E é nessa análise de Locke que vemos que o forte vínculo entre ideia e palavra não é sempre levado em consideração.

Ensaio acerca do entendimento humano

A principal obra de Locke é um compilado de quatro livros sobre teses e ideias de temas distintos que se comunicam entre si, e está dividido da seguinte forma: • Livro I - Nem os Princípios nem as Ideias são Inatas; • Livro II - As Ideias; • Livro III - Palavras; • Livro IV - Conhecimento e Opinião.

Sobre as palavras: semântica ideacional de locke

No livro III, capítulo I, tese 1, diz que o ser humano é o único ser vivo que é capaz de criar sons articulados. É dotado desde sua criação especificamente com essa única habilidade que o difere dos demais seres.



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

A tese II relata a habilidade de transformar esses sons em frases articuladas, que estão carregadas de ideias únicas de cada indivíduo, transmitindo se assim de um para o outro, deixando suas respectivas marcas que os definem.

Teoria da comunicação/tese do veículo por excelência

A linguagem então é o grande veículo de informação e comunicação, logo é um pressuposto da vida em sociedade e de tudo que a acompanha, como as leis, as ciências, os debates filosóficos, etc. A linguagem também veio confortavelmente para externar as ideias internas nas mentes dos homens por se mostrar a forma mais prática e mais abundante de interação e comunicação. A linguagem está em tudo e tudo se volta para a linguagem.

O “fato da comunicação”

A comunicação então, Para Locke, ocorreria efetivamente entre dois indivíduos ou mais mesmo que de forma falha, de um jeito em que as pessoas se entendam mesmo que não completa ou perfeitamente devido à variação de ideia que está atrelada a cada palavra se tratar de algo totalmente variável de pessoa para pessoa. Logo, quanto mais as palavras corresponderem às ideias de quem fala, melhor se tornará o entendimento para aquele que ouve.

Conduta do entendimento – “palavras e ideias”



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

Nesse póstumo adendo ao seu principal ensaio, Locke ressalta que as palavras devem remeter o mais fielmente possível às ideias na mente, caso contrário se torna algo vazio e sem significado para quem recebe.

Humboldt

Wilhelm Von Humboldt (1767-1833), político e diplomata alemão, foi um dos iniciadores da ciência da linguagem no século XIX. Os pensamentos de Humboldt têm forte influência dos estudos sobre a linguagem de sua época e por Kant, de um ponto de vista filosófico. Humboldt procurava conciliar a enorme diversidade cultural expressa nas mais diferentes línguas com uma unidade natural do ser humano correspondente à estrutura geral dessas diversas línguas sendo de natureza mental. “A linguagem é o meio, se não absoluto, ao menos sensível, pelo qual o homem dá forma ao mesmo tempo a si mesmo e ao mundo, ou melhor, torna-se consciente de si mesmo projetando um mundo que lhe é externo.” Através da forma que o indivíduo pensa o mundo e o externa assim através da linguagem sua própria impressão está então marcada em suas palavras. Há partes de si em tudo que é dito.

Sobre a diferença de estrutura das línguas humanas (o sistema fônico das línguas/distribuição dos sons entre os conceitos)

A palavra apresenta uma unidade dupla: a do som e a do conceito ou significação. A formação da palavra é uma necessidade essencial da comunicação. É o falante que controla os sentidos de sua frase usando-se das palavras e suas sonoridades respectivas. Pode-se, em determinado contexto, nem sequer enunciar efetivamente uma palavra para se



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

chegar ao mesmo conceito, desde que o som emitido seja adequado e suficientemente perceptível àquilo que sua significação esteja atrelada.

Humboldt, com uma análise do desenvolvimento das línguas que levava em conta a grande influencia de fatores externos, estava dando inicio a um estudo da filologia comparada. Quase todas as línguas, então, possuíam uma raiz da qual derivou e que com essas evoluções criaram as derivações. Por fim, Humboldt considerava também a língua como aquilo que constitui a identidade de um povo e a forma mais notável de expressar sua cultura.

Sapir e whorf

Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf foram dois norte-americanos que formularam a chamada hipótese Sapir-Whorf, que diz que a linguagem de determinada sociedade ou grupo está correlacionado com sua forma de ver o mundo, e que assim possui certos traços característicos de uma língua de um povo específico. Defendem também que a linguagem é fundamentalmente de caráter cultural e histórico, e não biológico.

Para a hipótese de Sapir-Whorf, há uma clara interdependência entre linguagem e cultura: um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida. Assim, não existirão duas línguas que possam representar a mesma realidade, pois são sociedades totalmente distintas e mundos completamente diferentes. A linguagem então, para Sapir e Whorf, segundo as suas hipóteses, é “provavelmente a maior força de socialização que existe.”, pois representa a forma de pensamento da massa, logo é constantemente afetada por invenções e inovações, porém de forma lenta e gradativa. As normas culturais e os padrões lingüísticos, segundos Sapir-Whorf, desenvolveram-se juntos, pois um avança à medida que o outro também o faz.



Peirce

É outro pensador que dá à linguagem um papel que se centra na filosofia. Propunha uma investigação conceitual na análise do significado dos conceitos. Peirce possuía uma concepção científico fabulista, ou seja, para ele uma teoria só seria efetivamente uma teoria científica quando houvesse proposições hipotéticas e não assertivas e que sua validade só podia ser considerada com base em seus resultados – porém tudo isso não o torna de todo cético; pelo contrário: esse pragmatismo fabulista de Peirce vai oferecer um critério que irá então validar as proposições que tentam expressar os conhecimentos.

Ainda segundo Peirce, o pragmatismo não era necessariamente uma teoria da ciência, mas sim como uma metodologia crítica para a interpretação e solução de problemas filosóficos e científicos. E o signo segundo ele era aplicável a qualquer coisa que se possa encontrar que iria então realizar a ideia conectada à palavra. A palavra, por si só, não identifica nada, mas é suposto que as coisas ou ideias que se associam às palavras sejam imaginadas. O surgimento de símbolos novos então só seria criado a partir de outros símbolos, variando com sua expansão de um indivíduo/grupo para outro.

Frege

Também um dos iniciadores da filosofia da linguagem, já que muito contribuiu com sua teoria dos significados. Possui uma teoria com grande foco numa análise lógica da linguagem. Frege considerava necessária a distinção entre um objeto de conhecimento e seu reconhecimento. Ele rompeu com a lógica tradicional, de Port-Royal e Locke, da semântica mentalista sendo como algo interno ao indivíduo, e logo subjetivo, para então algo mais estrutural, caracterizando a primazia da investigação lógica da linguagem.



Também trouxe a grande distinção entre sentido (aquilo que é compreendido) e referência (aquilo que se está referindo), tendo de este ser algo real, mesmo que oculta ou não explícita. Uma sentença só poderia então ser considerada verdadeira ou falsa dependendo de seu referente; só existia sentido se houvesse referência. Quanto à representação, diz ser impossível existir duas exatamente iguais na mesma consciência ou para pessoas diferentes por ser algo inteiramente individual.

Saussure

O estruturalismo de Saussure foi marco não só da lingüística, mas também para as ciências humanas contemporâneas. Ele propunha um estudo da língua como um sistema de signos, que seria dotado de uma organização interna. O signo então seria arbitrário. Saussure, nos textos feitos por seus discípulos, dizia que a língua é o sistema dotado de suas regras e concepções que são idênticas para todos os indivíduos falantes dessa língua, enquanto a fala, por sua vez, seria a manifestação individual da língua por cada indivíduo. A junção do significado e do significante constituiria o signo, lembrando este ser arbitrário: o conceito nada tem a ver com o conjunto de sons que forma a palavra ou significante, pois lhe fora simplesmente imposta de certa forma que já estão impregnadas nos costumes da língua que uma modificação posterior seria demasiado problemático.

Russel

Bertrand Russel traz uma concepção de análise que tem como método a decomposição da sentença, onde os elementos de sua composição são encontrados. Essa análise teria como resultado revelar a verdadeira forma lógica da sentença, indicando assim a articulação de suas partes no todo. Esse método proposto por Russel irá supor a existência



de uma linguagem lógica onde a relação com a realidade possa ser expressa de maneira clara e correta, evitando dessa forma equívocos, e assim inclui-se no projeto fundacionalista.

Russel introduz variadas distinções entre as acepções onde diz que uma palavra é dotada de significado, assim retomando sua concepção de denotação e examinando também os aspectos contextuais do significado e do uso de uma determinada palavra do falante em relação ao ouvinte, que valoriza então uma concepção pragmática da análise desse significado em questão. Ainda segundo o filósofo, as palavras faladas, ouvidas ou escritas têm grandes diferenças entre outras classes de movimento do corpo, sons ou figuras por serem dotadas de significação.

Wittgenstein

Elaborado como um filosofar em processo, o pensamento de Wittgenstein espera que o leitor se engaje com o pensamento do filósofo para que a exposição de suas ideias e teorias sejam mais claras. Seu pensamento foi dividido em duas fases: Tractatus e a outra, radicalmente diferente, que possui como obra principal as investigações filosóficas. O Tractatus parte da ideia de que a forma gramatical e a forma lógica da linguagem não coincidem. Wittgenstein diz, em seu tratado, que a linguagem “disfarça o pensamento.” Diz também que a maioria das proposições e questões que são encontrados nas obras filosóficas não são “falsas”, mas apenas sem sentido. A tarefa da filosofia, para Wittgenstein, consistia na realização de uma análise da língua que visava revelar sua forma verdadeira e sua relação com os fatos.

Os pensamentos se encontram nebulosos e indistintos com a ausência da filosofia, e sua tarefa é torná-los claros e bem delimitados. O significado seria estabelecido pelo uso que se faz das expressões linguísticas em diferentes contextos ou situações. Um mesmo tipo



de expressão lingüística poderá ter, assim, diferentes significados se postos em contextos diferentes. Esse jogo de linguagem é caracterizado por sua diversidade. A língua, então, seria algo vivo que só poderia ser compreendido a partir das atividades que integra.

Chomsky

Noam Chomsky é um dos mais importantes teóricos da linguagem no contexto contemporâneo, sendo o criador da teoria chamada de “gramática gerativa transformacional”. Chomsky define a competência como a capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, entender e reconhecer a estrutura de todas as frases de sua língua. Chomsky ainda defende que a língua é um conjunto infinito de frases e que se define não apenas por aquelas existentes, mas também por possíveis frases que podem ser criadas a partir da interiorização das regras da língua, de forma que os próprios falantes venham a produzir frases nunca antes por eles ouvidas; porém o desempenho é determinado pelo contexto onde o falante se vê inserido.

Por fim, Chomsky diz que se quisermos entender a linguagem, primeiramente deve-se perguntar o que ela é, e não com ou para que fins é usada.

Austin

A teoria de Austin pode ser vista como uma tentativa de dar conta do uso da linguagem em contextos específicos para a realização de atos objetivos. Austin tem com ponto de partida a teoria pragmática de Wittgenstein, que diz que é o uso das palavras em diferentes interações linguísticas que vai determinar o seu sentido; assim descobre que determinadas sentenças são na verdade ações: que dizer é fazer na medida em que, proferindo algo, se está ao mesmo tempo realizando uma ação. Seguindo a teoria de



Austin, chamamos de ato de fala toda a ação que é realizada através do dizer. As ações que efetivamente se realizam através dos atos de fala podem ser demasiadamente diferentes entre si, e é daí que surge a necessidade de distinguir as diversas dimensões de um ato de fala. Austin surge então com uma classificação dos tipos de expressões de acordo com a força ilucionista de cada uma.

- Ficam classificadas da seguinte forma:
 - Expressões Veridictivas: dão um veredicto sobre determinado assunto;
 - Expressões Exercitivas: consiste em tomar uma decisão a favor ou contra um comportamento;
 - Expressões Comissivas: comprometem o falante com o cumprimento de algo;
 - Expressões Conductivas: uma reação em relação ao destino ou conduta de outros;
 - Expressões Expositivas: tem como intenção tornar claro como a expressão do falante deve ser considerada para permanecer fiel ao seu pensamento.

Heidegger

Martin Heidegger foi um dos filósofos mais originais e influentes do século XX. Alemão, procurou dar um novo rumo e sentido à filosofia a partir de uma crítica radical à tradição da metafísica ocidental que, segundo ele, se origina já mesmo em Platão. Através de uma análise da Alegoria da Caverna, Heidegger nos propõe vários pontos. Ele altera o



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020

Artigo aprovado até 20/07/2020

significado de “alétheia” de verdade para algo como “desvelamento”, encobrimento, retirada do véu do próprio Ser. A Verdade então tem um novo sentido ontológico para Heidegger, para dar significado ao que seria o mostrar-se do Ser.

Quando o prisioneiro se liberta, é preciso que este adapte sua visão para toda uma nova realidade para poder ver a verdade, enxergar corretamente. A verdade passa a ser defendida como a adequação do olhar-objeto, correspondência entre o modo de ver do ser humano para a natureza da coisa objeto. Com estas teorias, o filósofo pretende trazer à luz o Ser, “o ente que nós somos”, pesquisar o próprio sentido do Ser que, como sua frase mais famosa vem a dizer, seria residente dentro de sua própria existência. A recuperação do original sentido do Ser e da verdade como manifestação da essência se dá através de uma releitura e retomada de alguns filósofos pré-socráticos como Heráclito e Parmênides, segundo Heidegger. Também se dá pela leitura da obra de poetas alemães como Rilke e Novalis, pois a linguagem dos poetas seria então livre da influência metafísica e epistemológica, sendo assim, mais próxima da significância de Ser. Seria preciso, então, buscar a linguagem que remeteria ao Ser, que o manifesta. Em seus textos “a essência da linguagem” e “Carta sobre o humanismo” podemos encontrar todo o desenvolvimento dessa temática, que, concluindo, se resume em dizer que a linguagem é a casa do Ser.

Foucault

Influenciado por Nietzsche, Freud e Marx, Michel Foucault foi um dos mais originais pensadores franceses do século XX, suas obras impactando várias ciências como a filosofia, história, psicologia e ciências sociais. Com suas obras “A arqueologia do Saber” e “História da Loucura”, Foucault pretende revelar pressupostos e elementos subjacentes de um determinado período histórico e relativizá-lo. Esse método, portanto, tem como ponto fundamental a análise do discurso, ou melhor, formações discursivas. Um crítico moderno, Michel questiona seus pressupostos racionalistas, seu modelo de ciência e sua concepção de



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

subjetividade, para que consiga formular então uma crítica sobre o surgimento e desenvolvimento das ciências da linguagem no século XVII e XVIII. Sua análise volta-se para as epistemes com formações discursivas que, seguindo o método arqueológico, buscam dar conta das transições e rupturas entre as diferentes formações discursivas em variados períodos. Em “A ordem do Discurso”, Foucault analisa e desenvolve sobretudo a questão do discurso e como o poder circula e se transforma através do mesmo.

O poder, como ele diz, constituiria e produziria mais possibilidades de discurso. É certo em nossa sociedade que existem procedimentos de exclusão e interdição do discurso. É por isso que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, por serem impostos tabus e também por haver um direito exclusivo e privilegiado para quem se fala, essas seriam os maiores tipos de interdição do discurso. Foucault discute que a sexualidade e a política são os assuntos onde existiriam mais buracos-negros, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Apesar de o discurso estar longe da transparência de tais assuntos, ele continua sendo um lugar onde poderiam se exercer com privilégio alguns de seus “poderes”, visto que o discurso é tanto aquilo que manifesta ou oculta o desejo, como também o objeto do desejo; é aquilo a qual queremos nos apoderar. Dos três grandes sistemas de exclusão do discurso (os tabus, a segregação da loucura e a vontade de verdade), foi o último mais frisado por este crítico, pois, segundo ele, esta não cessa de se reforçar, se tornar mais profunda e incontornável, independentemente das outras duas terem se tornado frágeis ou não.

O filósofo-teórico explica a condição dos autores como indivíduos como princípio de agrupamento do discurso e não do indivíduo falante que se pronuncia de um texto. Quando isso se torna regra, a obrigatoriedade de alguém que assuma suas falas e escritas perde-se então a eficácia do que se diz. A atribuição a um autor foi, há muito tempo, um indicador de verdade do que se trata, obtendo então valor científico. Porém esse princípio deixa de ser de todo verdadeiro, pois, segundo Foucault existem vários discursos que circulam em anonimato que não perdem sua veracidade. Como um último procedimento do controle do discurso, Michel Foucault propõe determinar as condições de seu



Edição nº 30 – 2º semestre de 2020

Artigo recebido até 15/06/2020
Artigo aprovado até 20/07/2020

funcionamento, impor algumas regras, não permitindo, assim, que todo mundo (portador de conhecimento para sustentar o discurso ou não) tenha acesso a ele. Ninguém entrará na ordem do discurso se não for competente o bastante para satisfazer as exigências então impostas pelo mesmo, qualificado para fazê-lo. Foucault termina dizendo que: Nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas, enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que se fala. (FOUCAULT, 1971).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MARCONDES, Danilo. Textos Básicos da Linguagem: de Platão à Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 138 p.